



BeCool

+

Chapecoense: a
epopeia ficou
sem o final

Maurício Barros
de Castro: “O
samba não
escapa do
preconceito”

Guia útil para
lidar com a inveja
(relaxa, todo
mundo tem)

Eniko
Mihalik



RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool

BeCool

SEÇÕES E COLUNAS

[4](#) | CARTA AOS LEITORES

[5](#) | MULHERES QUE AMAMOS

Carolina Portaluppi

[6](#) | SETLIST

Vai se foder, 2016!

[7](#) | ROTEIRO SP

Dezembro de 2016

[44](#) | FAZ SENTIDO?

O Piffero que há em nós

[45](#) | CRÔNICA

O pintagol

[46](#) | CHARGE

MATÉRIAS

[8](#) | A EPOPEIA FICOU SEM O FINAL

Crônica sobre a tragédia da Chapecoense

[12](#) | O GUIA DOS TRAJES SOCIAIS

Acerte no dress code

[16](#) | RUA OU ESTEIRA?

Prós e contras de ambos

[20](#) | GUIA ÚTIL PARA LIDAR COM A INVEJA

Relaxa, todo mundo tem

[24](#) | ENTREVISTA

Maurício Barros de Castro

[28](#) | ENSAIO

Eniko Mihalik

[40](#) | RECADO PRA QUEM NÃO GOSTA DE CHUPAR

Sem troca de prazeres, sem sexo



facebook.com/RevistaBecool
twitter.com/becoolmagazine
youtube.com/revistabecool
adngui@gmail.com

CARTA AOS LEITORES



Esta revista é feita por pessoas que gostam de futebol. Não, que gostam muito de futebol. O fundador desta revista uma vez ganhou um “Almanaque do Futebol Paulista”, que se tornou seu livro favorito, como depois foi o “Guia dos Craques”. Nele havia uma Seção Histórica, com times que fizeram a história do futebol de São Paulo e caíram no amadorismo ou faliram. Alguns desses times ganharam escalafões “atuais” (na verdade surreais) e disputaram campeonatos fictícios. Uma fanfic do Brasileiro.

Nossa redatora e principal colunista jogava bola contra a vontade do pai. Foi ela quem mostrou à BECOOL o universo do futebol feminino, que descobrimos antes dos lacradores que riscavam Neymar da camisa da seleção e escreviam Marta. O futebol nos quebrou gelo em muitas conversas que poderiam ser tediosas, nos deu coisas para assistir e comentar, nos deu momentos para compartilhar. Nosso esporte favorito, como se sabe, é o basquete. Porque para nós, futebol não é só um esporte.

A queda do avião que levava o time da Chapecoense causou comoção geral no país, mas o efeito que causou em nós foi... Diferente. Era como se conhecêssemos aquelas pessoas todas. Não nos acovardamos no dever de cobrir os fatos envolvendo a tragédia, mas a gente chorou. Muito. De verdade. Às vezes disfarçando só pra não perder o foco na notícia.

A narração de Deva Pascovicci, hoje histórica, foi a que escolhemos para ver o jogo na semana anterior. Ninguém no Twitter viu o jogo lá, se viu o jogo. Só nós. Relembrar a narração do Deva, nosso narrador da Libertadores, do basquete olímpico ao lado de Oscar Schmidt, levou às lágrimas o editor desta revista que escreve hoje esta carta aos leitores.

Éramos todos Chapecoense. O nosso Leicester, ou até mais. Pelo carisma contagiante do time tido como pequeno, mas pedra no sapato de grandes e prestes a conseguir um feito inédito para si e para o estado onde está sua sede. Pela forma como nos identificamos com ele.

A BECOOL 51 é dedicada inteiramente à Chapecoense. Porque não tem como gostar muito de futebol e não reconhecer a garra do time catarinense, campeão da Copa Sul-Americana de 2016. Que ao nos recuperarmos totalmente dessa tragédia, não esqueçamos de pregar o amor, a solidariedade e a paz no futebol. Que tudo isso ao menos não tenha sido em vão.

TWITFEED



- Você retweetou
José Norberto Flesch @jnflesch · 6 h
Mick Jagger cantou no estádio do Inter em 2016, lembra a TL.
8 221 186
- Você retweetou
snap: NaoSalvo @naosalvo · 7 h
Oq será que o sócia do Messi está pensando agora?
19 70 166
- Você retweetou
Maicon Küster @maiconkusterkkk · 10 de dez
desligaram o wifi da polishop?... por que eu não to vendo a minha AIR FRYER PHILLIPS WALITA online...
12 1,1 mil 886
- Você retweetou
Bruno @BrunoHoffmann · 10 de dez
A gente vive, passa por milhares de experiências (as mais intensas) para, afinal, convencer-se de q a melhor coisa na vida é o 13º na conta
2 8
- Você retweetou
MAD MARI K. @theMADMARI · 24 de jul de 2015
"NENHUMA FOLHA CAI DA ARVORE SEM O CONSENTIMENTO DE DEUS" imagina deus todo enrolado lá na firma "pq tem 9000 folha pra liberar hj até as 16
55 14 mil 8,2 mil
- Você retweetou
FV @fdvives · 9 de dez
Fluminense pede 20 milhões de euros pelo Scarpa ao Palmeiras. Imagine a quantidade de tapetão que não dá pra comprar com isso.
1 3
- Você retweetou
Futebol para Meninas @futebolmeninas · 8 de dez
"ousadia", "baita"... não façam isso c'uzôvido da Tia Lu, pliiiss!!
1 2
- Você retweetou
Blenda @SrtaBlenda · 6 de dez
Só os que já comeram ração para cachorro online
4 6 6
- Você retweetou
Fabio Chiorino @FChiorino · 2 de dez
Quería entender por que o Itaú faz uma propaganda de inclusão retratando os idosos como abobados
2 4 10
- Você retweetou
Avatar Olímpico™ @gui_pinheiro · 1 de dez
Os caras do Real Madrid não tem culpa alguma, mas vão enfrentar a um continente inteiro no Mundial da FIFA.
50 54
- Você retweetou
Daniel Furlan @DanielSFurlan · 30 de nov
"Espera só eu tomar um banho." Ninguém vai dizer não pra isso. As pessoas não têm coragem de ser contra o banho.
4 51 94

Mulheres Que Amamos

CAROLINA PORTALUPPI

Começou a ser conhecida quando apareceu no programa "Pânico na Band" e foi entrevista por Sabrina Sato. Desde então, a filha de Renato Gaúcho aparece frequentemente na mídia e é alvo dos paparazzi a cada aparição nas praias, exibindo o seu corpão. Aos 19 anos, a modelo colocou próteses de silicone de 250 ml.

Chegou a ser colaboradora do programa de humor da Band nas pautas gravadas no Rio de Janeiro, mas deixou a equipe do "Pânico" para se dedicar ao vestibular.

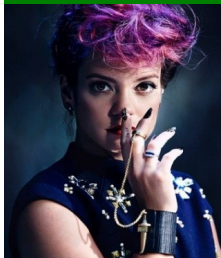
Torcedora do Grêmio, time gaúcho que tem seu pai como técnico, a estudante de Comunicação Social agita as redes sociais com suas fotos de biquínis ou com looks menos convencionais. Não por acaso ganhou uma legião de fãs e mostra desenvoltura ao receber cantadas virtuais.

Carol já declarou que recebeu alguns convites para participar de reality shows, entre eles o "Big Brother Brasil", na TV Globo, e "A Fazenda", na Record. Recusou todos eles.

Set List

VAI SE FODER, 2016!

Desculpe o linguajar, mas é que esse ano foi um lixo mesmo. Teve tanta tragédia que pareceu uma série produzida por Shonda Rhimes. Já as ações das pessoas parecem saídas de roteiros de “Os Simpsons” (por isso tantas previsões acertadas). Nós da BECOOL fazemos os votos de um feliz ano novo para todos os nossos leitores, mas como sabemos que o ano que passou não foi moleza, apresentamos essas cinco músicas pra você mandar este ano dignamente para a puta que o pariu. Tá bom, desculpe.



5. LILY ALLEN — FUCK YOU

Isso mesmo, é pra você mandar 2016 se foder. Este é o grande objetivo desta Setlist. A lenda dizia que Lily fez essa música para um político, mas como é sempre um excelente exercício de relaxamento dizer “fuck you”, é lógico que essa deve ser a música que abre nossa lista.



4. ICONA POP — I LOVE IT (FT. CHARLI XCX)

Pois é, a gente também está se sentindo bem com o fim iminente de 2016. Não que você deva jogar um carro da ponte, mas não há música melhor para celebrar o fim de algo terrível do que essa.



1. SILVIO SANTOS — RITMO DE FESTA

Isso aí, a festa do fim de 2016 continua, a casa é sua, pode entrar! Viva 2017! Viva Silvão da massa! Viva o nosso primeiro lugar! Viva nossas férias!



4. P!NK — RAISE YOUR GLASS

Pra gente poder mandar um ano se foder, a gente precisa que outro ano comece. E nada melhor para começar um ano do que celebrar com os amigos bebendo e soltando fogos. Então levantem suas taças e saúdem ao som da cantora de “Get The Party Started” e da nossa quarta posição.



2. SEU JORGE — FELICIDADE

Como assim felicidade? Isso aí, felicidade de ver essa porcaria de ano acabar. Seu Jorge diz na música o que o faz feliz, e você? No primeiro dia de 2017, faça tudo que te faz feliz. Nada melhor para tirar a energia negativa de 2016. Como vai o Seu Jorge? O meu vai bem... Tá, desculpe.



NÃO DEIXE DE OUVIR: BOGGIE NAÍPE

Em seu primeiro trabalho solo, Mano Brown ficou romântico — e com muito funk, soul baile black. Co-produzido por Lino Krizz, que canta em “Felizes (Jeart to Heart)”. Disponível em todas as plataformas

Roteiro SP



FILME: ROGUE ONE — UMA HISTÓRIA STAR WARS

No primeiro filme derivado da franquia Star Wars, guerreiros rebeldes partem em missão para roubar os planos da Estrela da Morte e trazer nova esperança para a galáxia.



LIVRO: SÃO PAULO NOIR

(Casa da Palavra, 272 páginas, R\$ 45)
Paulicéia é tema do novo livro da série “Noir”. Uma seleção de histórias surpreendentes onde a cinzenta São Paulo, mais do que um simples cenário, torna-se personagem. Contos policiais que retomam a atmosfera noir immortalizada por Hollywood em filmes como “O falcão maltês”, escritos por nomes como Marcelo Rubens Paiva, Mario Prata, Jô Soares, Drauzio Varella, Ferréz, Vanessa Barbara, entre outros.



CD: DEDICADO A VOCÊ

(Canal 3, R\$ 22) Guadalupe, viúva de Dominginhos (1941-2013), lança álbum em homenagem ao querido cantor, compositor e sanfoneiro. É também uma parceria de Dominginhos com o cantor Nando Cordel, lançada em disco em 1989 por Zizi Possi. De Dominginhos, Guadalupe regravou Flora, lançada na voz do cearense Ednardo. O repertório ainda inclui Dia branco, Dúvida, Estrada de Canindé e Mucuripe, além de Pai e mãe, entre outras músicas.



SHOW: JASON MRAZ

O americano promete uma apresentação especial que mesclará músicas inéditas, além de grandes hits no Brasil, como “I’m Yours”, “Lucky”, “I Won’t Give Up”, “93 Millions Miles”. A última vez que o músico esteve no país foi em 2015, quando passou por São Paulo e pelo Rio de Janeiro. Dia 26, às 21h30 no Citibank Hall: Avenida das Nações Unidas, 17955, Sul 04795-100. Telefone (11) 2846-6040. Ingresso: R\$65 a R\$650.



A epopeia ficou sem o final

As palavras sobram e faltam em um dia de desespero, com uma mistura de choque, choro, tristeza e negação.

Por GABRIEL PAZINI





O verde

belo e

brilhante da grama contrasta com as lágrimas que caem de um céu cinza. Céu que não parecia ser o limite para o magnífico sonho de um grupo de amigos que escrevia uma história espetacular e inspiradora. História? Não. Epopeia. E daquelas de arrepiar e parecer um sonho do qual ninguém quer acordar.

Mas o céu é egoísta. Muitas vezes pega algumas das nossas melhores estrelas para brilhar ainda mais.

E às vezes, de um sonho belíssimo, vamos para um pesadelo do qual sonhamos em acordar.

O maior campeão da Libertadores. Quatro defesas de pênalti. Um dilúvio sem precedentes. Uma atuação mágica. O time do papa. Uma defesa divina no último lance. O melhor time da América em 2016 no caminho de uma final épica e inédita.

Os graves problemas financeiros de três anos atrás que quase impediram uma história inimaginável. Agora, um exemplo para um futebol que sofre com a desorganização, as dívidas, as organizações marcadas pela corrupção, a base da pirâmide e os milhões de profissionais entregues aos que não merecem nem têm condições de melhorar algo. Um clube sem dívidas, res-

ponsável, que não gasta mais do que arrecada e vai pagar até 14º salário aos seus funcionários.

Um time pequeno, com uma torcida apaixonada. Uma sinergia encantadora, principalmente nas noites épicas de setembro, outubro e novembro.

Pequeno? Gigante!

Da Série D para a C. Da C para a B. Da B para a elite. Da elite para encantar o continente. O mundo.

Os sonhos podem ser realizados. O Leicester conseguiu. A Chapecoense conseguirá.

O sonho virou pesadelo, mas a Chape conseguiu. Nos contagiou. Nos empolgou. Nos encantou. Nos emocionou. Nos uniu. Nos mostrou que o inacreditável é possível.

Petralhas e coxinhas. Clubes rivais. Todos nos abraçamos. Todos choramos. Todos somos e queremos ser Chape.

Ao invés da taça erguida, o último capítulo da epopeia é o voo ao céu, que quis algumas de suas melhores estrelas para si.

Que as famílias e os amigos não só dos jogadores, da comissão técnica, dos funcionários e dos dirigentes da Chapecoense, mas também dos colegas da imprensa e outros que estavam no avião tenham força, conforto e se sintam abraçados por todos nós. Conhecia alguns companheiros e já tinha conversado com atletas e membros da Chape. Ainda não acredito no que acon-

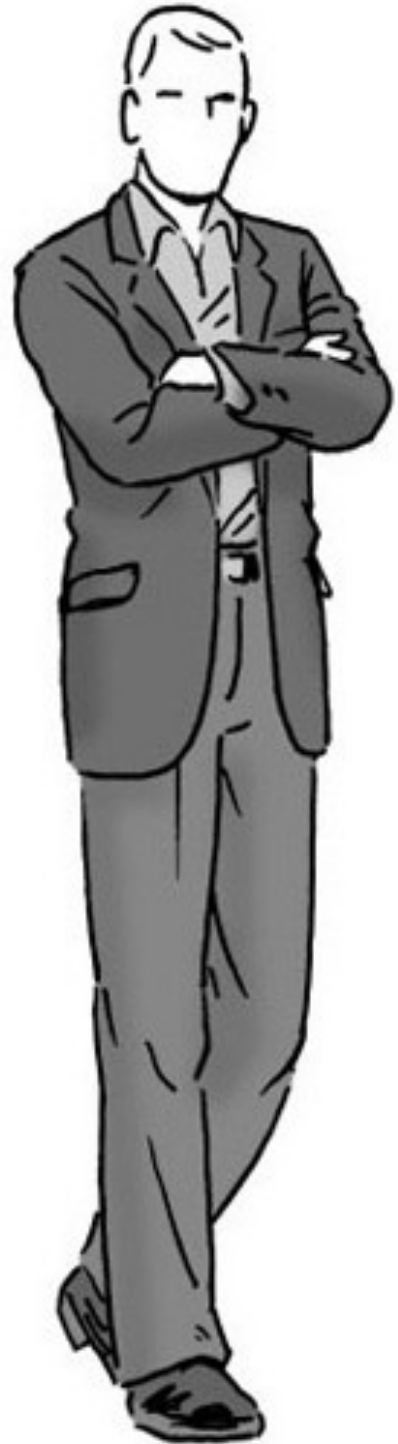


teceu nem consigo explicar o tamanho da tristeza que sinto. Não consigo imaginar a dor que os familiares e amigos das vítimas estão sentindo.

Queria apenas acordar desse pesadelo.

As palavras sobram e faltam em um dia de desespero, com uma mistura de choque, choro, tristeza e negação. ■

O guia dos



trajes sociais



O guia completo pra acertar sempre no dress code.

Por PEDRO NOGUEIRA

ÓCULOS ESCUROS



Eis que chega um convite à sua casa. Você fica animado. Mas quando termina de ler, a alegria dá lugar à confusão. O que raios é traje esporte fino? Ou passeio completo? Relaxa, você não está sozinho nessa. Muitos homens têm dúvidas quando o assunto é traje social. Mas não se desespere, amigo, pois preparamos um guia completo do dress code masculino, para você acertar no look de todas as festas em que for.

1# TRAJE ESPORTE

Por favor, não confunda “esporte” com o “esportivo”. Se você aparecer na festa com um conjunto de moletom da Nike, vai passar vergonha. O traje esporte pode ser traduzido como “casual arrumado”. Apesar do evento ser informal — tipo um jantar ou aniversário — seu anfitrião espera que você capriche no look. Ou seja? Nada de bermuda, tênis de corrida e boné.

Você pode apostar numa calça jeans ou de sarja; camisa ou camiseta; sapato casual, bota ou um tênis bonito. A gravata é dispensável, a não ser que você monte um visual bem descontraído, como ensinamos neste post aqui. Para dar o toque final, um blazer bem cortado (azul-marinho ou bege) é uma ótima opção que vai fazê-lo se destacar no ambiente.

2# TRAJE PASSEIO OU ESPORTE FINO

Novamente, não se deixe enganar pelo nome. Não estamos falando de um “passeio” no parque ou “esporte fino” para um jogo de golfe. Essa opção é um degrau acima do “esporte” em termos de formalidade, mas continua sendo casual.

Então nada de terno, ok? Invista no combo blazer + camisa em vez disso. Calça jeans? Sim, dá para usar, desde que seja um modelo mais escuro e sério. O ideal, no entanto, é uma calça de sarja ou de alfaiataria. (Veja aqui o nosso guia de calças masculinas.) Para os pés, sugerimos um sapato marrom tipo o brogue ou monk strap, pois o preto é mais formal. A gravata é opcional.

3# TRAJE PASSEIO COMPLETO OU SOCIAL

Agora, sim, o terno se torna indispensável. A maioria dos casamentos e formaturas utiliza deste dress code. Como essas festas costumam ser à noite, o melhor são os ternos escuros (tipo preto, azul-marinho e chumbo). Mas se o evento for diurno, você pode apostar no bege ou cinza claro. Não pode esquecer da gravata, ok? Temos aqui no site um guia com os 4 tipos de nós mais estilosos. Você pode ainda dar um upgrade no visual com o lenço de bolso.

4# TRAJE BLACK TIE, GALA OU A RIGOR

Quando você é convidado para um evento que pede traje black tie, gala ou a rigor, todos significam a mesma coisa: smoking com



**Não confunda
“esporte” com o
“esportivo”.**

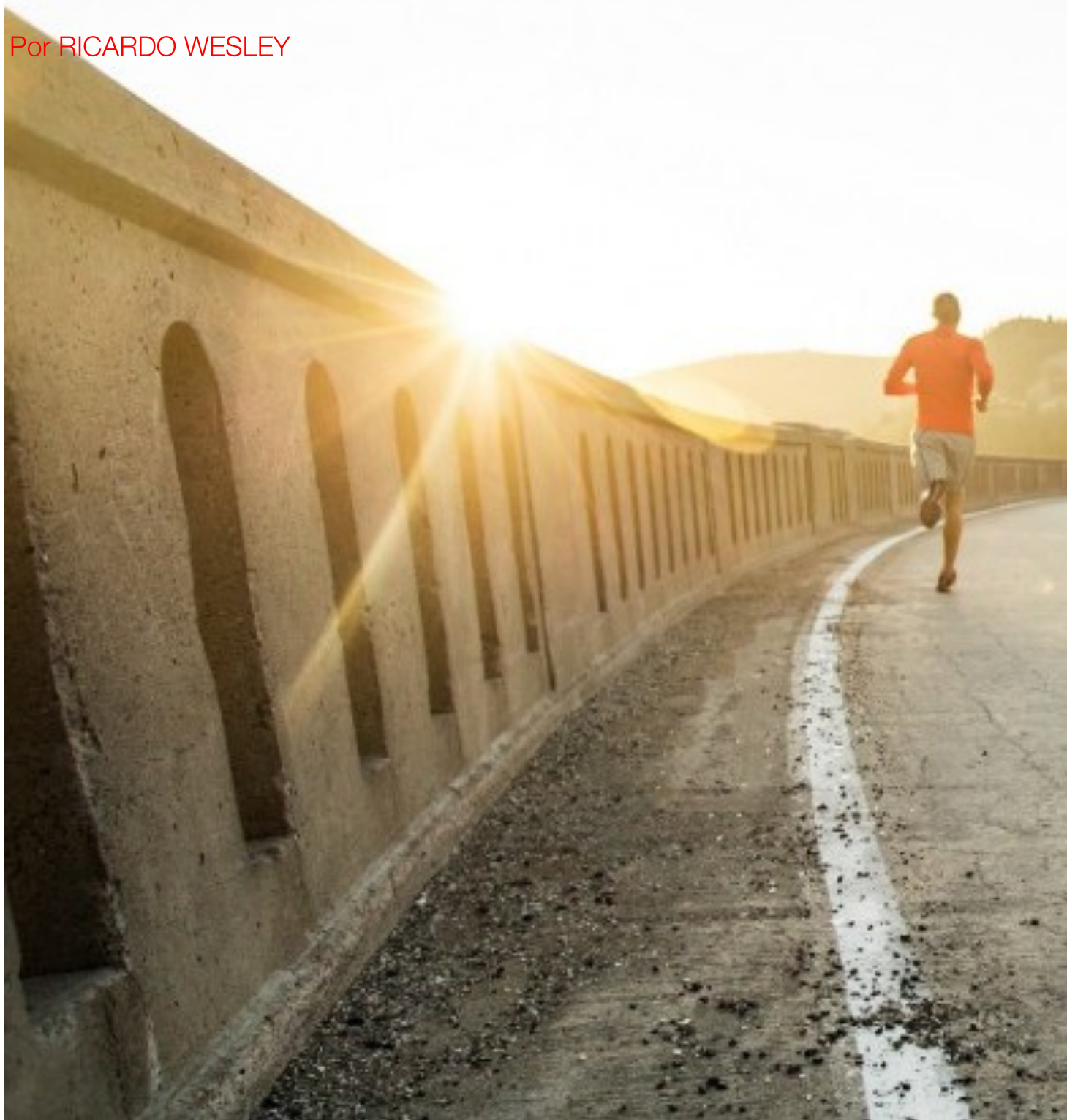


gravata borboleta. Tipo aqueles que James Bond usa nos filmes. Como poucos homens têm um destes no armário — afinal, ocasiões assim são raras — o negócio é alugar. Este dress code é usado, normalmente, em jantares de gala; casamentos ultraformais; premiações; e afins. Nossa sugestão é jogar seguro, com o look clássico preto. Apenas ouse se você estiver muito seguro do que está fazendo. ■

Rua ou esteira?

Os prós e os contras das duas modalidades pra você escolher.

Por RICARDO WESLEY





RUA OU ESTEIRA



M

uitas pessoas são atormentadas pelo dilema: é melhor correr na rua ou na esteira? Para que você possa escolher a opção mais adequada à sua rotina de treino, vamos relacionar os prós e contras de cada modalidade.

ESTEIRA

PRÓS: A esteira é um ambiente mais seguro. Você não precisa se preocupar em ser atropelado por carros ou em ficar desviando de pedestres, e também, do ponto de vista articular, esse equipamento possui um sistema de amortecimento que, somado a um calçado adequado, irá evitar que você tenha um excesso de sobrecarga nas suas articulações como lombar, joelhos e tornozelos.

Além disso, o controle de velocidade e inclinação ajuda no fortalecimento muscular e no domínio de diversas variáveis que são benéficas para um treinamento completo.

CONTRAS: O lado negativo da esteira é que não é o corredor que empurra o solo para trás e, sim, o equipamento. Isso pode levar ao desenvolvimento de uma mecânica de corrida incorreta, em que a pessoa literalmente saltita durante a corrida, o que é contraproduutivo do ponto de vista articular e ruim para desempenhos em rua.

Além disso, por oferecer um terreno sempre reto (sem curvas) algumas musculaturas — como, por exemplo, o tibial anterior — acabam recebendo menos estímulo, o que pode gerar desequilíbrios musculares e lesões, caso a pessoa não realize um trabalho de fortalecimento muscular antes de iniciar os treinamentos para provas de rua.

RUA

PRÓS: Os treinamentos na rua têm a grande vantagem de

estarem mais próximos da realidade que o aluno irá enfrentar caso venha a correr em uma prova, situação em que terá que desviar de buracos, fazer curvas, superar diferentes tipos de terrenos e inclinações — inclusive declínio, que poucos modelos de esteira oferecem.

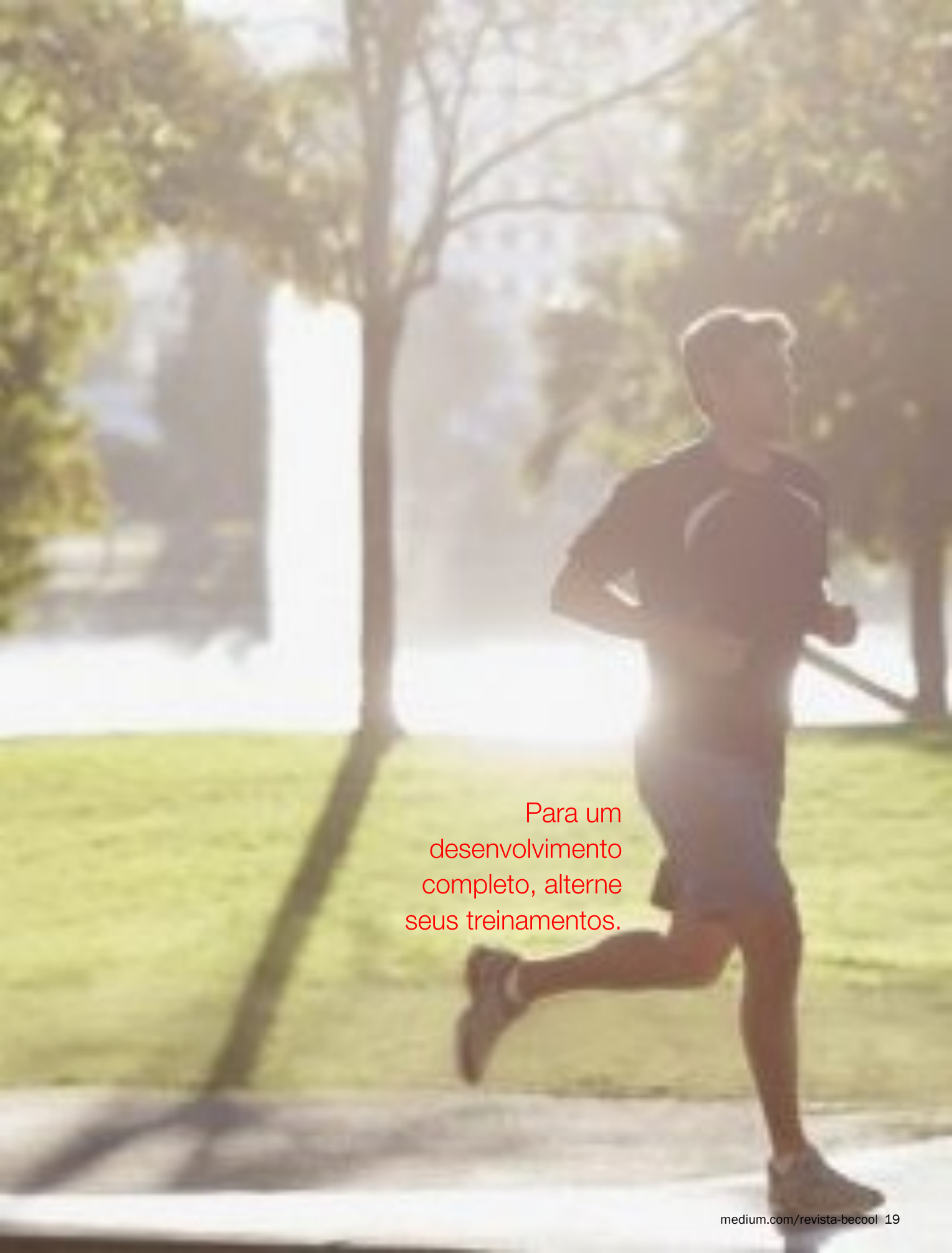
Quanto ao controle de velocidade, o que os atletas normalmente utilizam, além da frequência cardíaca, é a cadência ou pace, que é o tempo que se leva para completar 1 km. Isso proporciona uma mensuração real da performance, que pode ser muito específica para uma determinada corrida (caso o terreno em que você treine tenha as mesmas características).

Justamente pela variação do terreno, as musculaturas dos membros inferiores e do core (abdômen e lombar) são muito mais solicitadas do que na esteira e é recomendável realizar um fortalecimento muscular paralelo para evitar qualquer tipo de problema no futuro.

CONTRAS: A maior desvantagem da corrida de rua está mesmo nos fatores climáticos, já que é muito mais difícil correr na chuva ou de baixo de sol forte. Mas, para aqueles que competem, são fatores que ocorrem também durante uma prova. Então é bom estar preparado.

CONCLUSÃO

Ambos têm seus lados positivos e negativos. É fundamental que você utilize o que se encaixa melhor ao seu objetivo. Se você busca algo mais sério com a corrida, deverá realizar treinos de rua. Agora, se busca somente emagrecer e/ou ganhar condicionamento, correr apenas na esteira é ok. Mas para que você tenha um desenvolvimento completo, sugiro que você alterne seus treinamentos. Procure variar os terrenos, inclinações e explorar tanto a esteira quanto o asfalto. ■

A person is running on a paved path in a park. The background features green grass, trees, and a body of water under a bright sky. The person is wearing a dark athletic top and shorts. The text "Para um desenvolvimento completo, alterne seus treinamentos." is overlaid in red on the lower right side of the image.

Para um
desenvolvimento
completo, alterne
seus treinamentos.

GUIA ÚTIL PARA LIDAR COM A INVEJA (RELAXA, TODO MUNDO TEM)

Saiba como lidar com aquela vontade de ver o outro se dando mal.

Por THIADO SIEVERS





INVEJA



Chega mais. Você já sentiu uma vontadezinha secreta de ver uma pessoa se dando mal? Não que você desejasse que a vida dela acabasse, mas um pequeno fracasso lhe provocaria uma felicidade oculta? Já sentiu? Hein?

Sim, sim, estamos falando da inveja. E você conhece muito bem esse sentimento. Aliás, quem não conhece? Todo mundo sente inveja. Isso é universal. Tanto é assim que é categorizada com um dos sete pecados capitais.

O QUE É A INVEJA

Você, eu e todo mundo sabemos que a inveja é desejar aquilo que o outro tem, seja uma habilidade, uma qualidade moral ou algo material. Mas, na verdade, a inveja é um pouco mais do que isso, afinal, quando admiramos alguém, não podemos negar que desejaríamos também ter aquilo que a pessoa possui.

A inveja se caracteriza quando, percebendo que não conseguiremos alcançar o que o outro tem, desejamos que ele se dê mal. Seja como for, mas que ele se ferre. Logo, se uma pessoa tem uma beleza invejável, eu não vou esfolar a cara dela sem motivos, mas posso começar a falar mal dela despreziosamente para diminuí-la.

POR QUE TEMOS INVEJA

E por que desejamos tanto o sucesso alheio? Por conta de uma necessidade inerente ao ser humano. Você já deve ter ouvido

falar de Maslow, um psicólogo do século passado. Ele ficou conhecido por desenvolver uma teoria chamada de Pirâmide das Necessidades.

Nela o psicólogo traçou cinco níveis, sendo que aqueles que estão na base da pirâmide são os mais básicos. Repare que a partir do terceiro nível as necessidades passam a ser de ordem social, ou seja, de convivência.

Então aquele seu desejo de se sentir aceito pelos outros não é apenas um desejo, mas uma necessidade. Me diz aí, como é que você se sente quando posta alguma coisa e ninguém curte?

Então quando a gente vê uma pessoa se dando super bem em um aspecto que nós consideramos importante para a nossa auto-estima, vem aquele sentimentozinho: “Eu quero isso aí”. E se você se vê muito distante de alcançá-lo, surge o desejo de tirá-lo do outro. “Se eu não posso ter, ninguém terá”.

O EFEITO DA INVEJA EM NOSSO CÉREBRO

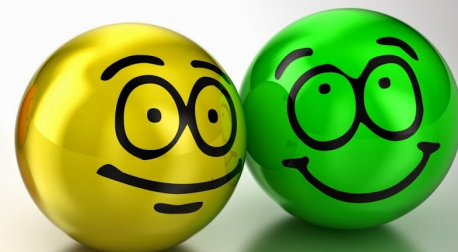
O curioso é que a ciência descobriu que o lugar no cérebro onde se manifesta o sentimento de inveja é o mesmo onde se manifesta a dor. Por isso que ser invejoso é ruim para cacete. Se não bastasse, o sentimento que temos quando vemos o objeto de nossa inveja se dando mal é acionado pela região do prazer em nosso cérebro. Agora tá tudo explicado, né?

O problema é que viver assim é uma grande prisão, porque você só vai ser feliz quando o outro se ferrar. Gente, que vida é essa? Ninguém merece.

COMO LIDAR COM A INVEJA



Foque mais em si e menos nos outros



Como se livrar disso então? Ah, espertinho. É o que todo mundo quer saber. A primeira coisa de tudo é admitir que você sente inveja. Pode parecer algo simples, mas não é, porque admitir que sentimos inveja é quase como admitir que somos fracassados. Então se você não se acha invejoso, tente perceber se tem algum prazer quando alguém se dá mal em algo. Se sim, você é invejoso.

Depois que você perceber que sente inveja, precisa entender por que sente. Somente entendendo você será capaz de superar isso.

Mas a melhor dica é se aceitar como você é. Entenda que você jamais será bom em tudo. Isso é impossível. E se vale de consolo, ninguém é bom em tudo. Nem a pessoa que você mais inveja. Em algo ela é terrível. Ela também tem tristezas, sofrimento e essas coisas de ser humano.

Foque mais em si e menos nos outros. Desenvolva as suas capacidades para melhorar e não para superar os outros. Beleza? ■

ENTREVISTA



‘O samba não escapa do preconceito’

Segundo o pesquisador Maurício Barros de Castro, o gênero não é apenas reflexo da história social do Brasil, mas um de seus protagonistas.

Por MARINA ESTARQUE

Para o professor do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Maurício Barros de Castro, há um discurso recorrente, entre especialistas, de que o samba atingiu maior sofisticação com compositores brancos, letrados e de classe média.

"Ou seja, é uma forma de ver o samba como algo primitivo, um ritmo menor, e de tentar afastá-lo das suas referências identitárias: a cultura afro-brasileira, a relação com a afroregião", diz o pesquisador, em entrevista à DW Brasil.

Castro lança neste mês o livro *Nos quintais do samba da Grande Madureira: história, memória e imagens de ontem e hoje* (Editora Olhares, 2016) e é também autor de *Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica* (Azougue Editorial, 2 ed., 2013).



© Reuters/P. Olivares

O samba surgiu da mistura de ritmos africanos, trazidos pelos escravos da África. No início, por estar ligado à cultura negra, o samba era perseguido e reprimido. Atualmente, cem anos depois do registro do samba Pelo telefone, ainda há resquícios desse preconceito?

Maurício Barros de Castro: Sim, a discriminação racial permanece na sociedade brasileira, e não há como o samba, referência de uma cultura de matriz africana, escapar desse preconceito. Isso se nota em discursos recorrentes de certos especialistas. É comum dizer, por exemplo, que o samba passou a ser mais aceito após alcançar uma sofisticação, a partir de compositores brancos, letrados e de classe média, como Noel Rosa e Ary Barroso. Outros até falam que a Bossa Nova seria um samba modernizado. Ou seja, é uma forma de ver o samba como algo primitivo, um ritmo menor, e de tentar afastá-lo das suas referências identitárias: a cultura afro-brasileira, a relação com a afrorreligiosidade. Alguns especialistas vão por esse caminho de desqualificar essas matrizes africanas e valorizar a inserção de artistas brancos como uma forma de modernidade. Mas sambistas como Candeia, Martinho da Vila, Nei Lopes, Wilson Moreira e Luiz Carlos da Vila, entre outros, são vozes poderosas que contestam esse tipo de pensamento e afirmam as matrizes africanas do samba, suas influências afrorreligiosas e sua negritude.

E na academia, o samba recebe a atenção merecida?

Tem havido uma abertura cada vez maior para as pesquisas relacionadas ao ritmo, mas sempre há muito o que fazer. A academia ainda precisa se aproximar dos saberes dos sambistas. Seria importante promover esse intercâmbio, com aulas conjuntas entre intelectuais e sambistas.

Mas não creio que o samba enfrente um preconceito na academia atualmente. Há muitas pesquisas sobre o assunto, não é um tema marginalizado. Um exemplo é o livro que lançamos em no-

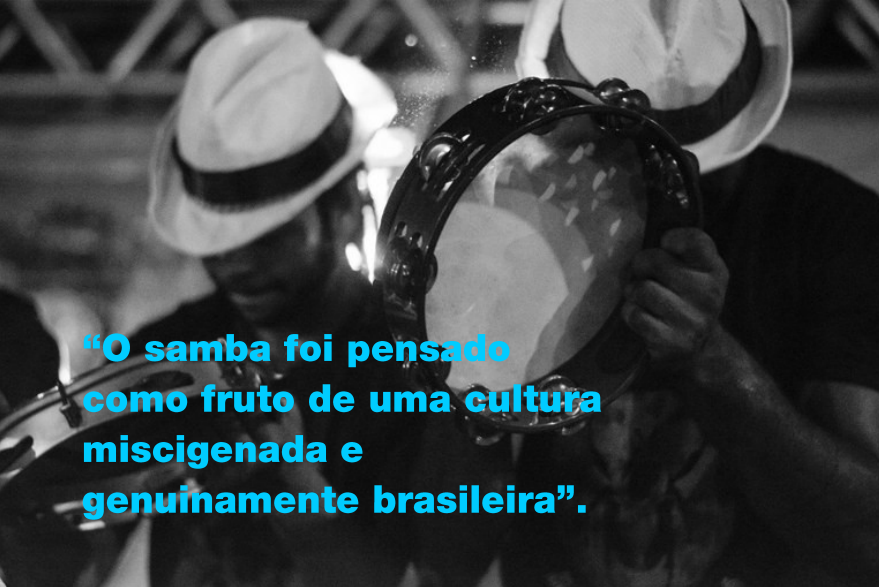
vembro, *Nos quintais do samba da Grande Madureira*, produzido por professores e alunos de pós-graduação da Uerj, com apoio da Faperj.

Como foi a transformação do samba, que era visto como "vadiagem", de forma criminalizada, até ser considerado o estilo musical mais brasileiro de todos? Como o samba virou parte da identidade nacional?

O Hermano Vianna [pesquisador musical e antropólogo] já se referiu a essa questão como um "mistério do samba". Essa transformação reflete os processos de apropriação das culturas populares durante a formação dos estados nacionais, não apenas no Brasil. Basta pensar na importância do blues e do jazz para a formação da identidade nacional dos Estados Unidos. Aqui, o samba passou a ser pensado como fruto de uma cultura miscigenada e genuinamente brasileira. A demanda da incipiente indústria cultural, principalmente do rádio, também teve uma importância definitiva na consolidação do samba como identidade nacional. O estilo musical, que inicialmente não era cantado pelos sambistas, mas pelos chamados cantores e cantoras do rádio, se difundiu pelo país, estimulado pela política nacionalista de Getúlio Vargas, nos anos 1930. Além do rádio, houve o apoio fundamental dos jornais populares. O primeiro concurso de desfile de escolas de samba foi patrocinado, em 1932, pelo jornal *Mundo Sportivo*, do jornalista Mário Filho, no Rio de Janeiro.

O samba, em diferentes momentos da história do país, serviu para exaltar ou criticar governos e regimes. Como o senhor descreveria a relação entre o samba e a política no Brasil?

Como dizia o poeta, isso acontece "desde que o samba é samba". Há até uma história de que o senador Pinheiro Machado teria assinado o seu nome no pandeiro do sambista João da Baiana, para que o instrumento não fosse apreendido pela polícia. Então



“O samba foi pensado como fruto de uma cultura miscigenada e genuinamente brasileira”.

o samba e para as culturas populares. Era uma tentativa de engajar os sambistas como militantes políticos, tentar trazê-los para esse universo da elite, com uma aproximação dos estudantes universitários. Tratava-se de uma ideologia que buscava conscientizar o "povo", considerado alienado politicamente, mas portador da "autêntica" cultura nacional. O samba Opinião, do Zé Ketí, virou um hino de resistência em 1964: "Podem me prender/Podem me bater/Podem, até deixar-me sem comer/Que eu não mudo de opinião. Daqui do morro/Eu não saio, não".

O samba surgiu dos batuques e rituais das religiões afro-brasileiras. Como se nota es-

sa relação atualmente?

O samba está intimamente ligado às manifestações religiosas da diáspora africana. No Rio de Janeiro, há influências da macumba carioca, o omolokô, a umbanda e o candomblé. Inicialmente, o samba era cantado após os cultos religiosos. Eram utilizados os mesmos instrumentos de percussão, mas o conteúdo dos cânticos se tornava profano, voltado para narrativas do cotidiano. Os temas das letras eram de louvor à malandragem, lamentos por desencantos amorosos, entre outros. Ogum, sincretizado em terras cariocas com São Jorge, é o "General da Banda" de terreiros de umbanda e rodas de samba. Além disso, a maioria das escolas de samba tem um orixá de devoção. E, como lembra Luiz Antônio Simas [pesquisador e escritor sobre samba], muitas delas reproduzem no naipe de caixas de suas baterias o toque de louvor a determinados orixás.

Como o samba reflete a história social do país? Como aborda questões como racismo, desigualdade e participação feminina?

Não considero o samba um reflexo da história social do Brasil, mas sim um construtor dessa história e um dos seus protagonistas. Ele aborda questões como racismo e desigualdade de forma contraditória, da mesma maneira que grande parte da população do país. É importante entender que existem momentos históricos diferentes de luta contra o racismo e dos movimentos negros. Quando Geraldo Pereira gravou Escurinho, nos anos 1950, que falava de "um escuro direitinho", o contexto não era o mesmo de Candeia, nos anos 1970, quando compôs Dia de Graça: "Negro, acorda, é hora de acordar / não negue a raça / toda manhã é dia de graça". Temas como o orgulho negro ainda não estavam em pauta no tempo de Geraldo Pereira. Mas já estavam presentes quando Candeia se tornou uma das mais importantes vozes do samba a lutar pela afirmação da cultura negra. Ele fundou inclusive uma escola de samba dissidente das grandes agremiações, chamada Quilombo.

Quanto à participação feminina, as mulheres sambistas ainda enfrentam atitudes machistas no ambiente do samba, assim como na sociedade. Há diversos sambas que colocam as mulheres numa condição subalterna, alguns até enaltecem a violência de gênero: músicas que são famosas e cantadas até hoje. O que melhorou é que há um número cada vez maior de mulheres gravando, compondo e cantando sambas. ■

essa relação sempre existiu.

Qual foi a relação do samba com o Estado Novo, nessa oposição entre o culto ao trabalho e à malandragem?

O enaltecimento do trabalho entre as classes populares era uma das metas do governo de Getúlio Vargas. O trabalho não fazia parte do cotidiano da elite branca proprietária de terras e escravos, era algo relegado aos negros escravizados, pequenos comerciantes e profissionais liberais. Por isso, a malandragem era uma forma de subverter a ordem do trabalho, de ostentar a vadiagem, apesar de ela ser criminalizada. Em 1928, por exemplo, o samba A malandragem, de Bide, é gravado por Francisco Alves, o "Rei da Voz", e faz enorme sucesso.

Há também o caso de Wilson Batista. Era um sambista negro, como praticamente todos de sua geração. Se envolveu em uma polêmica com Noel Rosa, que o criticou pela composição Lenço no pescoço, de 1933. A letra dizia: "Lenço no pescoço / Navalha no bolso / Eu passo gingando / Provoco e desafio / Tenho orgulho de ser tão vadio". Era uma ode à malandragem. Anos depois, em 1941, Wilson Batista lançou outro samba, O Bonde de São Januário. A letra teve que ser modificada devido à censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Vargas. Os versos censurados diziam: "O bonde de São Januário / leva mais um sócio otário / só eu não vou trabalhar". O sambista precisou negociar e acabou mudando o sentido dos versos originais. A letra final ficou: "Quem trabalha é que tem razão/Eu digo e não tenho medo de errar/O bonde de São Januário/Leva mais um operário/Sou eu que vou trabalhar".

Na época da ditadura, escolas de samba fizeram enredos ufanistas e nacionalistas, mas o samba também foi uma importante forma de resistência, combatido pela censura. Qual o papel do samba nesse período?

O samba estava muito próximo dos movimentos estudantis e de esquerda. Havia o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional de Estudantes (UNE), o Zicartola [restaurante do sambista Cartola e sua esposa, Dona Zica, que reunia músicos na década de 1960] e o Teatro Opinião [sala de espetáculos ligado ao grupo de teatro Opinião]. Eram espaços que reuniam, no Rio de Janeiro, vozes discordantes do regime militar e que tiveram o samba como interlocutor.

Nessa época há todo um olhar dos intelectuais de esquerda para

Eniko Mihalik

























RECADO PRA QUEM NÃO GOSTA DE CHUPAR

Se não tem troca de prazeres, não tem sexo.

Por NATHALI MACEDO

CHUPAR



sexo na modernidade vem se tornando cada vez mais roteirizado: na maioria das vezes a ideia é, pura e simplesmente, chegar lá. A quantidade supera a qualidade, os detalhes são deixados de lado e o prazer se resume em alguns segundos de orgasmo.

Em meio à mecanização das relações sexuais, muita gente abdica das preliminares e especialmente do ingrediente mais importante para muitas mulheres: o sexo oral.

Prova disto é uma pesquisa recente que apontou que mais de um terço dos homens sentem nojo de sexo oral, e preferem ir direto ao ponto – o que se coloca como motivo de decepção e frustração para muitas mulheres.

SEXO ORAL E A INTIMIDADE

Mais do que o prazer propriamente dito, o sexo oral significa, para muitas, intimidade. Trata-se de um agrado que a gente não pode fazer por nós mesmas: é a demonstração de que o outro se importa com o nosso prazer e, melhor ainda, que sente prazer em nos proporcionar isto.

Por este pensamento, muitas mulheres dedicam-se a apresentar seus parceiros com sexo oral bem feito – mesmo aquelas que, de fato, não sintam prazer com a prática – com o simples objetivo de satisfazer o outro.

E, por isso mesmo, negar-se a proporcionar este prazer demonstra uma completa falta de etiqueta sexual – que é a troca de gentilezas em uma relação sexual.



TROCA DE PRAZERES

Mais que trocar prazer, é preciso, muito além disso, se importar com o outro. Observar seu comportamento, apurar suas reações, certificar-se de seu prazer: não por obrigação, obviamente, mas pelo desejo de proporcionar ao outro aquilo que queremos que nos seja proporcionado.

O sexo é, em síntese, uma grande troca de prazeres: nada mais justo – e mais gostoso – que se importar com o prazer de nosso parceiro e esperar uma recíproca verdadeira.

Isso é fazer sexo. O resto é punheta. ■



**Mais que
trocar prazer, é
preciso se
importar com o
outro.**

O Piffero que há em nós



Me parece que é assim que se chama o futuro ex-presidente do Sport Club Internacional. Vitorio Piffero. Foi sua gestão a responsável por tornar o clube por ele presidido em uma espécie de supervilão do futebol brasileiro. E não é sem razão a revolta das pessoas.

Faz mais ou menos duas semanas que caiu, na Colômbia, o avião que transportava a equipe da Chapecoense, em busca do inédito título da Copa Sul-Americana a ser disputado com o Atlético Nacional, além de transportar jornalistas que fariam a cobertura das partidas. Como todas as tragédias do gênero, seguiu-se de uma enorme comoção demonstrada pela maioria das pessoas.

Eu não pude demonstrar a minha. Pelo menos não pelo Twitter. E sei que ele anda meio empoeirado, mas é que tudo ainda tem um efeito tão grande sobre mim que eu fico sem ter o que dizer. Tudo parece tão... Pequeno.

Mas enquanto a maioria das pessoas demonstrava comoção - e o Congresso se aproveitava pra aprovar projetos impopulares -, a cúpula do Inter estava preocupadíssima com a sua "tragédia parti-

cular": o rebaixamento iminente. Depois de um dos membros da cúpula do time dizer que tinha que se preocupar mais com o tema do rebaixamento, o presidente do Inter - Piffero - pediu o cancelamento da rodada ao mesmo tempo em que o Inter apresentava recurso no STJD contra o Vitória. A soma de tapetão com insensibilidade pariu um monstro.

Quase todos agora torcem contra o Colorado. Eu também tenho motivos para me enfurecer com a insensibilidade. Não que eu vá torcer contra. Quero, antes de tudo, torcer por uma gota de respeito e sensibilidade que brote da comoção com a tragédia. Mas é realmente enfurecedor ver a atitude que o time tomou diante de tal tragédia.

Ainda assim, passei um tempo refletindo sobre a tragédia. E cheguei a uma conclusão: o que a cúpula Inter fez é o que muita gente faria em situação similar.

Eu vou explicar: eu não justifico o que o Inter fez, que é condenável. Mas um acidente desses costuma separar o joio do trigo e identificar o tamanho da hipocrisia em nossa sociedade. Sinto dizer, mas é uma hipocrisia muito grande. Tão grande quanto a insensibilidade no Inter.

Quando eu era parte da então revista - hoje blog pornô - Playboys, perguntei para Toninho, mestre de todos nós, o que faz de alguém tão insensível a ponto de usar politicamente uma tragédia. Na época falávamos sobre Realengo e a forma como as mídias manipulavam o caso com interesses políticos - à direita e à esquerda. Toninho me respondeu "Há tanta gente capaz de cometer uma atrocidade quanto há gente capaz de passar pano pra uma". Se há, em uma sociedade, gente que faz coisas terríveis, quase que automaticamente há quem as justifique, quem as ignore, quem as use politicamente ou como promoção pessoal.

Piffero é o segundo caso. A tragédia aconteceu e ele simplesmente fez que não era com ele. Era só mais um dia de trabalho como qualquer outro. O problema é que muita gente pensou exatamente como ele, mas fingiu que não. E depois apontou o dedo pra insensibilidade da cartolagem com uma fúria que me lembra certos programas exibidos no período da tarde na TV brasileira.

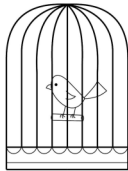
Quanto de vocês disseram para si mesmos que não aguentam mais saber de Chapecoense, mas engoliram o tédio e foram ao Twitter dizer o quanto estavam emocionados com todas as homenagens?

Quanto realmente acreditam nas formas de salvar a Chapecoense? Quanto querem realmente homenagear o time? Quanto se importam realmente com os familiares? Quanto de vocês fizeram o contrário de tudo isso e ainda assim não param de dizer o quanto a queda do avião dói?

Afinal, a queda te machucou de verdade ou você só fala dela pra tomar uma atitude que não te diminua perante o mundo? Se a resposta for a segunda, pare de falar do Inter e volte-se para sua própria insensibilidade.

Porque tão ruim quanto o verdadeiro Vitorio Piffero, é aquele pequeno Vitorio Piffero que há em nós, dizendo para que nos aproveitemos de qualquer coisa que pareça uma oportunidade. Nem que seja uma tragédia. Nem que seja só por uns likes.

O pintagol



Quando chegamos na nova capital do Brasil, chovia muito. Os pingos grossos batiam na terra vermelha e desapareciam imediatamente, o que nos causou espanto por não formarem poça ou lama.

Descemos da Rural Willys e corremos pra nossa nova casa, uma casa de madeira, pintada de azul, localizada num acampamento no bairro do Cruzeiro.

Fui o último a descer, com a gaiola na mão. Uma gaiola feita de taquaras de bambu, comprada no Mercado Central de Belo Horizonte. Dentro dela, meio jiló seco dependurado e já sem o miolo, um pedacinho de osso de baleia, água, alpiste e o pintagol.

O pintagol é fruto do cruzamento de pintassilgo com canarinho belga. Na mudança pra Brasília, não queríamos deixar o passarinho pra trás e ele foi conosco.

Na casa de madeira, não foi difícil bater um prego na varanda e dependurar aquela gaiola. Num primeiro momento, o pintagol parece ter gostado dali, principalmente quando a chuva parou e veio o sol. Ele não parava de pular de um poleiro para o outro, ensaiando o seu canto.

Estávamos ali acompanhando nosso pai, convocado para instalar o Serviço de Meteorologia no planalto central do País, onde nascia Brasília, uma cidade inteira em obras, pés de caju e redemoinhos de poeira.

Minha mãe – um trator – colocou tudo em ordem naquela casa estranha em menos de uma hora. Era uma casa muito engraçada, pois a gente batia na parede e fazia barulho de caixote.

Minha mãe era a mineira mais desconfiada daquela aventura. Foi ela que contrariou o meu pai – Juscelino roxo – quando avistamos a cidade pela primeira vez. Ele desceu da Rural Willys, subiu numa pedra e bradou: Isto é Brasília! Minha mãe, que cochilava

no banco de trás, olhou para um lado e para o outro e perguntou: Onde? O meu pai não gostou.

Na primeira noite, ela preparou pros filhos um macarrão com carne moída e molho de tomate, numa época em que nem sabíamos ainda que esse prato chamava-se macarrão à bolonhesa. Era um macarrão que vinha num pacote comprido e que ela comprou no Armazém Colombo, no bairro dos Funcionários.

De sobremesa, minha mãe ofereceu um quadradinho de banana-da-Ojuara para cada um dos cinco filhos, aquele docinho que vinha embrulhado um a um. Nós ficamos muito felizes, ficamos um tempão ali lambendo aquele açúcar fino que revestia o doce.

O calor era tanto que nem pensamos em colocar a gaiola do pintagol pra dentro de casa. Ficou ali mesmo, dependurada na varanda.

Levamos o passarinho pra Brasília porque tínhamos um carinho especial por ele. O pintagol era meio esquisito, aquele cruzamento de pintassilgo com canarinho belga produziu um bichinho parecido com um passarinho meio vira-lata.

Era estranho mas cantava que era uma beleza. De manhã, logo cedo, ele chegava a acordar os vizinhos do bairro do Carmo. Aquele passarinho, que não tinha nome, era conhecido na redondeza por seu canto e seu cruzamento.

No dia seguinte, mal o céu havia clareado, acordamos com um piado sofrido do pintagol e uma barulheira danada na varanda daquela casa de madeira.

Voamos pra ver o que estava acontecendo. Só deu tempo de ver um carcará batendo asas e o pintassilgo agonizando em cima daquela folha do jornal Estado de Minas que forrava a gaiola.

As notícias, já velhas, tinham sido apagadas pelo sangue do bichinho que lutava desesperadamente pra ficar de pé. Achei que não tinha mais salvação.

Minha mãe correu lá dentro e buscou um estojo de primeiros socorros da Johnson. Pegou uma gaze, mercurocromo e Anasetil. Abriu a portinha da gaiola, pegou e embrulhou o pintagol naquela gaze, que em segundos já estava empapada de sangue.

Eu só via o passarinho ofegante, sem forças pra nada, só mesmo para ficar quietinho nas mãos da minha mãe e piscando os olhos com dificuldade. Vimos que o carcará, aquela ave que tem o bico volteado que nem gavião, que avoa que nem avião, que pega, mata e come, havia arrancado um pedaço da asa do nosso pintagol.

Fizemos um curativo e ele sobreviveu. Ficava – sem uma das suas asas – saltitando no chão da gaiola sem poder voar pro poleiro, só espiando. Mas sobreviveu e voltou até mesmo a cantar. Um canto mais triste e curto, mas cantava.

Lembro da minha mãe – profética – naquele segundo dia nosso em Brasília, na varanda da nossa casa de madeira, naquele acampamento no Cruzeiro, enxugando os pingos de sangue no chão.

Com o pano cheio de manchas vermelhas nas mãos, ela olhou pro céu como se procurasse o maldito carcará ou outra coisa parecida e soltou uma única frase.

- Essa Brasília não vai dar certo!

CHARGE

EM JF...



Mão

BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: Goal.com, Lui, El Hombre, Deutsche Welle, Adorocinema, Livraria da Folha e Guia da Semana.

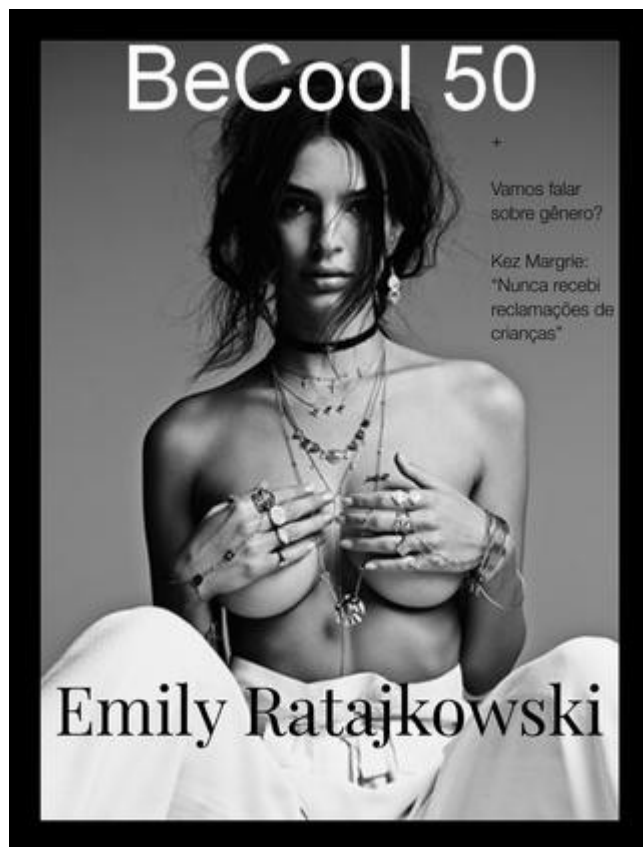
MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



SIGA-NOS

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

youtube.com/revistabecool

